



RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A nova ordem global de Trump

Na maior conferência sobre segurança da Europa, Alemanha alerta que os EUA não têm força para seguirem sozinhos e revela que a política externa baseada em regras deixou de existir. Analistas criticam a postura isolacionista da Casa Branca

» RODRIGO CRAVEIRO

Em pouco mais de um ano, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, começou a implodir uma ordem global construída há oito décadas, no pós-Segunda Guerra Mundial, e baseada na parceria transatlântica. Na abertura da Conferência de Segurança de Munique, o maior encontro sobre o tema da Europa, o chanceler alemão, Friedrich Merz, alertou o planeta sobre uma profunda divisão entre a Europa e os EUA. “Eu temo que essa ordem, por mais imperfeita que tenha sido em seu melhor momento, não existe mais naquela forma”, declarou o chefe de governo de Berlim, em alusão ao respeito às normas. O presidente da França, Emmanuel Macron, também não poupou críticas a Washington.

Merz advertiu: “Na era da rivalidade entre as grandes potências, nem mesmo os EUA serão poderosos o bastante para seguirem sozinhos”. O chanceler da Alemanha ressaltou que ser parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não é uma vantagem competitiva apenas da Europa, mas também dos Estados Unidos. Ao defender uma nova parceria estratégica entre o Velho Continente e a Casa Branca, ele fez um apelo: “Vamos reparar e revitalizar, juntos, a confiança transatlântica”.

Trump tem feito ataques reiterados à Otan. Um dos mais diretos ocorreu em 7 de janeiro passado, em uma publicação na sua plataforma Truth Social. “A Rússia e a China não têm nenhum receio da Otan sem os EUA, e duvido que a Otan estaria lá para nós, caso realmente precisássemos dela”, escreveu. Ao menosprezar a aliança transatlântica, atacar a Venezuela e o Irã, impor tarifas a vários países e ameaçar a captura da Groenlândia, o presidente republicano abandonou o multilateralismo.

Antes de embarcar para Munique, Marco Rubio, secretário de Estado norte-americano, reconheceu o “momento decisivo” e ressaltou que “o mundo está mudando muito rapidamente”. “O mundo onde cresci, francamente, se foi. Vivemos nova era da geopolítica.”

Durante discurso na Conferência

Alex Brandon/AFP



O chefe de governo alemão, Friedrich Merz (D), cumprimenta o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, durante reunião em Munique

Jonathan Klein/AFP



Um gigante a caminho do Oriente Médio

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que um segundo porta-aviões seguirá em breve para o Oriente Médio, elevando a ameaça militar contra o Irã em meio às negociações sobre seu programa nuclear. “Partirá muito em breve”, anunciou o titular da Casa Branca a jornalistas, quando questionado sobre as informações de que o “USS Gerald Ford” seria transferido do Caribe para o Oriente Médio. “Caso não consigamos um acordo, precisaremos dele”, afirmou. O republicano admitiu o desejo de uma mudança de regime no Irã. “Parece que isso seria a melhor coisa que poderia acontecer”, disse. “Durante 47 anos, eles conversaram, conversaram e conversaram. Enquanto isso, perdemos muitas vidas enquanto eles conversavam.”

Stephen M. Walt admitiu que a ordem mundial dos últimos 75 anos está mudando. “Agora, estamos em um mundo multipolar. Os Estados Unidos tornaram-se uma hegemonia predatória, que tenta obter vantagem de seus adversários, mas, também, de seus principais aliados”, explicou ao **Correio**, por e-mail. O professor acusa Trump

de corroer a ordem mundial em pouco mais de um ano do segundo mandato. “O republicano repetidamente disse que a União Europeia era uma ‘inimiga’ e tem buscado ajudar partidos de extrema-direita de diferentes países europeus. Também quer tirar a Groenlândia da Dinamarca e usou a ameaça de tarifas e outras pressões para forçar

concessões econômicas de parceiros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Não se tratam de atos amigáveis”, advertiu.

James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), vislumbra uma “nova ordem mundial conjuntural”. “Se aguentarmos três anos de Donald Trump e não entrarmos em uma guerra mundial, é bem possível que outro presidente, mais provável um democrata, tenha uma visão mais parecida com a ordem global anterior a Trump, baseada na colaboração entre Europa e EUA”, disse à reportagem. Segundo o especialista, caso os republicanos ganhem as eleições presidenciais de 2028, a política externa deverá seguir a atual tendência e transformar o papel dos Estados Unidos no mundo.

Alienação

Joshua W. Busby — professor de Assuntos Públicos da Universidade do Texas-Austin — lembrou à reportagem que os EUA têm se beneficiado de uma ampla rede de aliados e parceiros ao redor do mundo. “No entanto, suas ações recentes nos âmbitos do comércio e da segurança alienaram amigos tradicionais, incluindo europeus. Com a ascensão da China e seu domínio em setores, como os minerais críticos, os EUA percebem que não podem resolver esses desafios sozinhos. A imprevisibilidade da política norte-americana de Trump torna menos provável que países possam contar com o cumprimento das promessas dos EUA”, afirmou.

Busby ressaltou que Donald Trump usou a política comercial para punir aliados com tarifas. “Ele tem assinalado ser menos comprometido com a segurança europeia e a possibilidade de favorecer as preferências da Rússia na resolução da guerra na Ucrânia, levando os países europeus a considerarem acordos de segurança e energia menos dependentes dos EUA”, avaliou. O professor do Texas considera que os esforços de Trump em reivindicar a Groenlândia representam “ameaças diretas” à soberania europeia.

ARGENTINA

Deputados apoiam maioria penal de 14 anos

Com 149 votos a favor e 100 contra, a Câmara dos Deputados da Argentina aprovou, na noite de quinta-feira, a Reforma Penal Juvenil — o texto reduz a maioria penal dos 16 para os 14 anos e modifica uma legislação em vigor há 46 anos. Por meio de comunicado divulgado pela Casa Rosada, sede do Executivo, o presidente Javier Milei celebrou a vitória no Congresso. “Um cidadão de 14 anos que participa de um delito compreende a gravidade de seus atos. Sustentar o contrário é subestimar a sociedade e abandonar as vítimas”, defendeu o líder ultralibertário, entusiasta do projeto de lei. O texto seguirá para o Senado, onde deverá entrar em pauta em 26 de fevereiro.

Nos últimos meses, o governo Milei empreendeu uma campanha na mídia sob o lema “Crime de adulto, punição de adulto”. Principal defensor da iniciativa, o deputado governista Ramiro Gutiérrez comentou o resultado, seguindo a linha de

raciocínio de Milei. “Se uma pessoa se depara com alguém que decidiu feri-la, prejudicá-la ou matá-la, aos 14 anos entende que isso é errado e que deve haver consequências. Isso se chama crime”, comentou.

Em entrevista ao **Correio**, o advogado argentino Alfredo Drocchi — advogado especialista em direito penal e ex-juiz do Tribunal Penal de La Matanza — assegurou que a lei busca proteger o adolescente dele mesmo, além de seus pares e da comunidade. “Ela evitará que ele se torne um delinquente, ao proteger sua vida e a dos demais. A Reforma Penal Juvenil resgata rapidamente o menor ante sua primeira infração e não espera que se torne um assassino ou um ladrão à mão armada para, depois, ressocializá-lo”, explicou. “Aos 10 anos, a criança tem a capacidade de distinguir um ato ilícito, segundo o jurista Vélaz Sarsfield escreveu no Código Civil. Como uma criança de 10 anos pode não saber que não se deve matar, roubar,

Bernabe Rivarola



Câmara em sessão para debater as mudanças no Código Penal

danificar propriedade, insultar, bater ou cuspir? Hoje em dia, elas chegam ao terceiro ou quarto homicídio aos 16 anos, porque mataram com apenas 13, e somente aos 17 são consideradas criminalmente responsáveis.”

Drocchi acrescentou que a nova lei oferecerá instrumentos como medidas administrativas a serem impostas a menores de 14 anos, além de recursos. “As crianças do século 21 estão muito mais

informadas que as do século 19. O senso comum nos leva à seguinte reflexão: os limites, os deveres e as obrigações devem ser aprendidos desde o início da infância, não na adolescência. Perdeu-se a autoridade, porque, em casa, mandam os filhos, não os pais. Nas escolas, mandam os alunos, não os professores. Chegamos a um estado de libertinagem que não favorece a vida em sociedade”, observou.

Ainda de acordo com o ex-magistrado, a lei deverá sofrer uma alteração em 2028 e atingir a idade de 10 anos de maioria penal, como na Suíça e no Reino Unido. “A exceção é que, no caso de crianças entre 10 e 12 anos, serão impostas medidas administrativas, a depender do caso, ou pena de prisão. O juiz é quem decidirá, com base na gravidade da infração e na periculosidade representada pelo menor”, concluiu Drocchi. **(Rodrigo Craveiro)**

» Derrota de Cristina Kirchner na Corte

A Sala IV da Suprema Corte da Argentina rejeitou um pedido da defesa da ex-presidente Cristina Fernández de Kirchner de relaxamento da prisão domiciliar. O tribunal confirmou que a líder peronista terá que seguir utilizando a tornozeleira eletrônica e prosseguirá com restrições no número de visitas. O juiz autorizou que a ex-presidente continue com duas horas de acesso diário ao terraço de seu apartamento. Cristina foi condenada a seis anos de prisão pelo crime de administração fraudulenta em prejuízo do Estado.